TRADUÇÃO *QUEER*: VISIBILIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA¹

QUEER TRANSLATION: VISIBILITY AS A FORM OF RESISTANCE

Felipe Duarte Pinheiro²

Resumo: Partindo do pressuposto de que as traduções têm o potencial de reproduzir e/ou subverter ideologias normativas (VENUTI, [1998] 2019) e com base em teorias da Tradução *Queer* (LEWIS, 2010), a presente pesquisa faz uma análise comparativa das traduções espanhola e alemã do mangá *Houseki no kuni*, cujas personagens não tem um gênero especificado, focando em quais estratégias tradutórias foram empregadas para lidar com a não-binariedade das personagens, e se tais estratégias visibilizam essa característica de suas identidades ou acarretam em seu apagamento. A análise dos dados demonstrou que ambas as traduções optaram por utilizar linguagens de gênero neutro como forma de traduzir o texto para línguas gramaticalmente genericadas sem que um gênero fosse designado às personagens do mangá. Apesar de apresentarem divergências consideráveis na maneira como essas estratégias são apresentadas aos leitores em seus paratextos, ambas as edições são bem-sucedidas em visibilizar a não-binariedade das personagens.

Palavras chave: Tradução. Tradução *queer*. Gênero e Sexualidade. Não-binariedade.

Abstract: Assuming that translations have the potential to reproduce and/or subvert normative ideologies (VENUTI, [1998] 2019) and based on Queer Translation theories (LEWIS, 2010), this research makes a comparative analysis of the Spanish and German translations of the manga *Houseki no kuni*, whose characters do not have a specified gender, focusing on which translational strategies were employed to deal with the non-binarity of the characters, and whether such strategies make this feature of their identities visible or lead to its erasure. The analysis of the data shows that both translations chose to use gender-neutral languages as a way to translate the text into grammatically gendered languages without assigning a gender to the characters in the manga. Despite showing considerable divergences in the way these strategies are presented to the readers in their paratexts, both editions are successful in making visible the non-binarity of the characters.

Keywords: Translation. Queer translation. Gender and sexuality. Non-binarity.

¹ Artigo recebido em 14 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 29 de setembro de 2021.

² Mestre em Estudos da Linguagem (PUC-Rio) e doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: felipe.duartepinheiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2491-2576>.

Introdução

O presente trabalho é composto tanto de um recorte de minha dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2021 quanto de seu desdobramento em uma tese de doutorado que desenvolvo atualmente no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Puc-Rio. Ele parte do pressuposto de que a tradução pode ser tanto uma forma de reproduzir ideologias hegemônicas quanto uma forma de resistir a elas. Nele eu analiso as traduções espanhola e alemã do mangá *Houseki no kuni*, buscando aferir quais foram as estratégias tradutórias empregadas para lidar com a não-binariedade de gênero das personagens, e se tais estratégias visibilizam essa característica de suas identidades ou acarretam em seu apagamento.

Houseki no Kuni é uma série em mangá escrita e ilustrada por Haruko Ichikawa. A obra se passa em um mundo pós-apocalíptico onde, após uma série de desastres naturais, os seres humanos deixaram de existir e o território habitável do planeta foi reduzido a uma pequena ilha. Após milhares de anos, essa ilha passou a ser povoada por formas de vida minerais antropomórficas e imortais, que são acolhidas pelo *sensei* Kongo desde o nascimento. Essas gemas encontram-se em conflito com os lunários, que, como o nome sugere, habitam as luas que orbitam o planeta e descem periodicamente para tentar raptá-las, supostamente pelo seu valor como decoração. A estória acompanha o desenvolvimento da protagonista Fosfofilita que, após ter a tarefa de compilar uma enciclopédia de história natural lhe atribuída pelo Kongo, procura a ajuda de Cinabarita e toma ciência de seu isolamento autoimposto devido a sua condição que impede o contato com outras pessoas. Após prometer encontrar-lhe um propósito, Fosfofilita parte em uma busca que abalará suas convicções e fará com que questione a real natureza do *sensei* e sua conexão com os lunários.

O mangá de Ichikawa destaca-se pela forma como sua autora aborda a questão do gênero: as gemas que compõem o núcleo principal de personagens não têm um gênero especificado, não sendo, dessa forma, nem homens nem mulheres³. Essa característica é bastante evidente na maneira como a autora opta por desenhar os seus corpos: todas as personagens apresentam as mesmas dimensões corporais, variando apenas em seus rostos, cabelos e nas roupas que vestem. Além disso, são desenhadas com torsos que apresentam características ideologicamente associadas com o masculino, porém, suas pernas, cintura e

³ Por não serem exatamente humanas, e pelo fato de estarem inseridas em uma sociedade na qual não há um conceito de gênero, tanto as personagens quanto as situações nas quais estão inseridas não são exatamente representativas do que são pessoas que se identificam como não-binárias e suas vivências em uma sociedade que as marginaliza. Entretanto, na presente pesquisa, irei me referir às gemas como não-binárias pois a sua presença na obra tem o potencial de desestabilizar a matriz cis-heteronormativa da mesma maneira que o fazem pessoas que se identificam como não-binárias e os obstáculos presentes na tradução do mangá *Houseki no kuni* compartilha de muitos dos desafios que essas pessoas enfrentam no uso da linguagem, podendo servir para iluminar tais questões e demonstrar a necessidade de se pensar em formas de uso da linguagem que sejam mais inclusivas.

quadris apresentam características ideologicamente associadas ao feminino. Isso causa um efeito de androginia interessante no qual uma dada personagem pode apresentar uma aparência mais “masculina” em uma determinada vinheta e assumir uma aparência mais “feminina” em outra. No entanto, algumas das personagens conformam-se às convenções geralmente associadas às personagens femininas de mangás, entre eles: olhos grandes, com formato arredondado e íris também grandes (BRENNER, 2007). O que faz com que seja favorecida a sua leitura como femininas, conforme veremos em maiores detalhes mais adiante.

Devido a esses fatores, o mangá *Houseki no kuni* é particularmente relevante para se pensar na necessidade de traduções que ofereçam formas de visibilizar conteúdos LGBTQAI+ em obras, pois, mesmo quando não são diretamente censurados na tradução, tais conteúdos ainda podem ser facilmente apagados no ato de leitura.

Fundamentação teórica

Para se pensar essa ideia da tradução como uma forma de reproduzir e/ou resistir a ideologias dominantes, faço uso do trabalho de Lawrence Venuti e os seus conceitos de tradução domesticadora e tradução estrangeirizadora. Esses dois conceitos foram inicialmente delineados por Friedrich Schleiermacher e basicamente significam que o tradutor pode escolher adotar uma estratégia de tradução que adeque o texto fonte às convenções poetológicas e às normas de linguagem dominantes na cultura meta, ou adotar uma estratégia que enfatize o caráter estrangeiro do texto fonte. Venuti denomina essas duas estratégias domesticação e estrangeirização, respectivamente; porém, acrescenta a elas um caráter ideológico.

Segundo Venuti, traduções domesticadoras seriam o resultado de dois conceitos inter-relacionados: o conceito de *fluência* e o de *invisibilidade*. O primeiro deles diz respeito à maneira como textos traduzidos tendem a ser lidos e avaliados. A partir de uma análise dos cenários editoriais no Reino Unido e nos Estados Unidos, o autor constatou que textos traduzidos nesses países tendem a ser considerados aceitáveis quando sua leitura é fluente, isto é,

[...] quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística faz com que [o texto] pareça transparente, dando a impressão de que reflete a personalidade ou intenção do escritor estrangeiro, ou o sentido essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”⁴ (VENUTI, [1995] 2008, p. 1)⁵.

⁴ Todas as traduções são minhas, a menos que indicado o contrário.

⁵ [...] when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer's personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original.”

Sua afirmação é corroborada por análises de diversas resenhas nas quais a fluência e a naturalidade são as principais características elogiadas nas traduções, e a sua ausência, o principal motivo de crítica. É também a partir dessas resenhas que Venuti determina as características responsáveis por produzir um texto fluente, sendo elas: ser escrita em um inglês moderno e padrão, que evite o uso de jargões, arcaísmos, ou palavras e fraseio estrangeiros, além de possuir uma sintaxe que corresponda a da língua de chegada. Ou seja, nesse tipo de tradução, prioriza-se a clareza e a legibilidade do texto.

Por sua vez, isso acarretaria no segundo conceito de Venuti, a invisibilidade. Para Venuti, o próprio tradutor procura mascarar o próprio trabalho, de modo que esse torne-se “invisível” e crie um efeito de transparência que causa a impressão de que o que se lê não é uma tradução. Em outras palavras: “a estratégia de fluência [...] busca apagar a intervenção do tradutor no texto traduzido e anula[r] a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro” (MARTINS, 2010, p. 66).

Esse tipo de tradução envolve uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura meta que tende a apagar as suas particularidades, de modo que a prática tradutória hegemônica seria marcada por uma ideologia de dominação que assimila o outro, apagando-o no processo. Isso leva Venuti a criticar duramente as traduções domesticadoras e propor a estrangeirização como alternativa.

A tradução estrangeirizadora consistiria em um movimento oposto ao da domesticação. Nas palavras de Venuti:

A estrangeirização evidencia as diferenças do texto estrangeiro, ainda que apenas perturbando os códigos culturais que prevalecem na língua meta. No seu esforço de agradar ao estrangeiro, essa prática tradutória precisa desagradar o doméstico, desviando o suficiente das normas nativas para criar uma experiência de leitura alheia – optando por traduzir um texto estrangeiro excluído pelos cânones literários, por exemplo, *ou utilizando um discurso marginal para traduzi-lo* (VENUTI, [1995] 2008, p. 15-16, grifos meus)⁶.

Nesse tipo de tradução, tanto a escolha dos textos que serão traduzidos quanto as estratégias tradutórias empregadas pelo tradutor têm como objetivo fazer com que o leitor da cultura meta esteja ciente de que está diante de um texto pertencente a uma cultura diferente e, sendo assim, possui diferenças linguísticas e culturais que lhes são inerentes. Para atingir tal objetivo, faz-se uso de um estilo de tradução não fluente, que cause estranhamento no leitor, de forma a ressaltar a presença do tradutor e a identidade estrangeira do texto. Todavia, Venuti ressalta

⁶ Foreignizing translation signifies the differences of the foreign text, yet only by disrupting the cultural codes that prevail in the translating language. In its effort to do right abroad, this translation practice must do wrong at home, deviating enough from native norms to stage an alien reading experience – choosing to translate a foreign text excluded by literary canons in the receiving culture, for instance, or using a marginal discourse to translate it.

que adotar a estratégia de estrangeirização não significa abandonar a fluência por completo pois “o tradutor estrangeirizador procura expandir o alcance das práticas tradutórias não para frustrar ou impedir a leitura [...], mas para criar novas condições de legibilidade” (VENUTI, [1995] 2008, p. 19).

Para Venuti, a prática de estrangeirização seria uma forma de escrita de resistência (FROTA, 2000) empregada pelo tradutor tanto contra a invisibilidade à qual está sujeito quanto contra o apagamento do outro em traduções promovido pela prática domesticadora hegemônica. Venuti considera que “[...] assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (VENUTI, [1998] 2019, p. 16). Então, caberia ao tradutor resistir a essas práticas.

Apesar de o foco de Venuti recair sobre os efeitos etnocêntricos de abordagens domesticadoras, suas consequências também podem ser observadas na tradução de textos nos quais estão presentes identidades LGBTQAI+. Conforme observa Elizabeth Sara Lewis (2010),

Mesmo quando o conteúdo homoerótico de textos queer não é abertamente censurado [...], ele é frequentemente perdido na tradução devido a problemas como o favorecimento de elementos e fraseio [cis-]heteronormativos em detrimento dos queer para melhorar a *fluência* ou uma simples falta de uma leitura cuidadosa causada por uma predisposição [cis-]heteronormativa (LEWIS, 2010, p. 3, grifo meu)⁷.

Logo, ao se deparar com um problema de tradução causado pela presença de um conteúdo LGBTQAI+ que o force a escolher entre mantê-lo ou comprometer a fluência do texto, dificilmente um tradutor escolherá a primeira opção. Isso, combinado ao fato de que esses elementos podem ser censurados por lei ou por influência de ideologias cis-heteronormativas apontado na citação acima, faz com que identidades LGBTQAI+ sejam facilmente apagadas em traduções.

Notando essa tendência em apagar identidades LGBTQAI+ em traduções, Lewis (2010) adota um viés da tradução como forma de resistência em seu artigo “‘This is My Girlfriend Linda’ Translating Queer Relationships in Film: a Case Study of the Subtitles for *Gia* and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies”. Através de um estudo de caso de diferentes legendas de uma cena do filme *Gia – Fama e Destruição*, Lewis busca demonstrar não apenas como essas identidades podem ser facilmente apagadas em traduções, mas também que tradutores precisam ser especialmente treinados, de forma a identificar a sua presença em textos e prevenir que sejam perdidas ou transformadas no ato da tradução, uma vez que

⁷ Even When the homoerotic content of queer texts is not downright censored [...], it is frequently lost in translation due to such problems as privileging of heteronormative elements or phrasing over queer ones to increase fluency, or a simple lack of a careful reading caused by a heteronormative bias.

[...] personagens na maioria dos textos, como as pessoas na vida cotidiana, são geralmente presumidas [cis-]heterossexuais até que se provem queer, e um tradutor desatento, inconsciente desse tipo de predisposição pessoal, pode, então, facilmente, apesar de não intencionalmente, transformar um elemento queer em um [cis-] heteronormativo (LEWIS, 2010, p. 3)⁸.

Isso se dá devido à existência do que Judith Butler ([1990] 2016) denominou “matriz heteronormativa”. De acordo com essa matriz, o sexo “biológico” de um indivíduo deve alinhar-se ao seu gênero, e esse indivíduo deve sentir atração sexual por pessoas do sexo e gênero opostos. Devido ao fato de a matriz cis-heteronormativa funcionar também como uma matriz de inteligibilidade a partir da qual interpretamos o mundo (LEWIS, 2017), isto é, adequar-se a ela é visto como a norma, enquanto não se adequar é visto como desviante, ao conhecermos alguém (ou nos depararmos com uma personagem nova em uma obra) presumimos que essa pessoa seja heterossexual e cisgênera até que nos seja comprovado o contrário.

Em relação à obra analisada na presente pesquisa especificamente, pode-se notar essa tendência em interpretar as personagens com base na matriz cis-heteronormativa no discurso sobre elas. A seleção de excertos a seguir é oriunda de um fórum de discussão no site myanimelist.com⁹ no qual se discutia os pronomes que deveriam ser utilizados para referir-se às gemas:

Ugh! Eu não aguento mais com o “ele” e “dele”. [...] Eu sei que elas não têm gênero. Mas qual é, pessoal, nós temos um personagem masculino (Sensei), as gemas parecem 100% femininas. E o fato de as roupas delas também serem assim deveria ser óbvio ou alguém acha que o Sensei é gay? Sensei é hetero, as roupas e vestidos de noiva deveriam ter feito sentido agora para as pessoas agora. Japonês usando o pronome de gênero não significa nada, é apenas uma escolha primária para personagens sem gênero e algumas ambíguas (Lairucrem, 28/11/2017)¹⁰.

Obviamente, todas elas têm atributos sexuais femininos. Elas não têm cérebro ou rins e todos nós as consideramos pessoas. Por quê? Porque elas se parecem com pessoas. Da mesma forma, elas não têm órgãos genitais nem seios, mas se parecem com mulheres, en-

⁸ [...] characters in most texts, like people in everyday life, are generally presumed to be heterossexual until proven queer, and an inattentive translator unaware of this kind of personal bias can thus easily, albeit unintentionally turn a queer elemento into a heteronormative one.

⁹ Disponível no link: <https://myanimelist.net/forum/?topicid=1687221>.

¹⁰ Ugh! I can't take this anymore with the “he”, “him” and “his” [...] I know they're genderless. But c'mon people, we have a male character (Sensei), the gems looks 100% females. And the fact that their clothes too are like that, should have been obvious or does one think Sensei is gay? Sensei is straight, the clothes and wedding dresses should have makes sense now for people now. Japanese using the gender pronoun means nothing, its just a primary choice for genderless characters and some ambiguous.

tão devemos fazer a mesma abstração e considerá-las do sexo feminino (mruize85, 28/11/2017)¹¹.

Elas parecem femininas para todos os efeitos, então referir-se a elas como tal faz mais sentido. As pessoas estão apenas tentando forçar políticas identitárias nisso (Saint_Nepunepu, 28/11/2017)¹².

Pessoalmente, todas elas simplesmente parecem femininas para mim, até a Bort ou a antarc etc. que as pessoas citam como masculinas. Eu provavelmente vou usar pronomes femininos sempre (Lanz, 28/11/2017)¹³.

É interessante notar que o debate se inicia com o descontentamento do autor do tópico de discussão com o uso de pronomes masculinos para se referir às personagens não pelo fato de isso eliminar a sua não-binariedade de gênero, mas pelo fato de acreditar que pronomes femininos deveriam ser utilizados porque “as gemas parecem 100% femininas”. Apesar de reconhecer que as personagens não têm gênero, a sua percepção delas como femininas é motivo suficiente para genericá-las. Esse sentimento é compartilhado por usuários que responderam ao autor, para os quais se as personagens parecem mulheres, “devemos [...] considerá-las do sexo feminino”, ou “referir-se a elas como tal faz mais sentido”. Pode-se notar as influências de ideologias cis-heteronormativa na argumentação utilizada para fundamentar o ponto de vista expressado nessas respostas, como as roupas das personagens, que são interpretadas como femininas, ou o que percebem como “atributos sexuais femininos” – apesar de não ficar muito claro quais seriam exatamente esses atributos, já que, como aponta o próprio autor dessa resposta, “as personagens não têm órgãos genitais nem seios”.

Tal leitura enviesada aponta para a nossa tendência de interpretar o gênero e a sexualidade dos indivíduos com base em concepções de masculinidade, feminilidade e heterossexualidade hegemônicas, como se houvesse uma única maneira de performar esses aspectos de nossas identidades.

Logo, Lewis (2010) argumenta em favor da necessidade de uma forma de tradução que dê visibilidade a pessoas LGBTQAI+ e as ajude em sua luta contra o poder subjugador da hegemonia cis-heteronormativa. Para isso, recorre às táticas tradutórias da tradução feminista, concentrando-se em três delas: a escrita de prefácios e notas de rodapé, a complementação e o *hijacking*. Na primei-

¹¹ Obviously all they have female sexual attributes. They don't have brains or kidneys and we all consider them people. Why? Because they look like people. Similarly, they don't have genitals nor breasts, but they look like women, so we must do the same abstraction and consider they females. It's about being consistent. If you call them according to what they really are, stones, you must call them 'it'. If you call call them according to what they look like, young women, you must call them "she" (or "he" in the case of sensei).

¹² They seem female for all intents and purposes, so referring to them as such makes the most sense. People are just trying to force SJW politics into this.

¹³ Personally all of them simply look female to me, even Bort or Antarc etc that people cite as masculine. I'll probably always use female pronouns myself.

ra, esses paratextos seriam utilizados para explicitar os conteúdos LGBTQAI+ da obra, assim como as estratégias utilizadas para lidar com eles.

A prática de complementação, por sua vez, diz respeito a um problema que afeta toda tradução: o fato de as diferenças entre as línguas, muitas vezes, dificultar que um determinado recurso utilizado no texto fonte (um trocadilho, ou termos ambíguos, por exemplo) seja mantido na tradução, de forma que o tradutor precisa intervir no texto para compensar pelas diferenças entre as línguas. Contudo, na Tradução *Queer*, além de servir para compensar pelas diferenças entre línguas e manter esses recursos, a complementação também serviria ao propósito de visibilizar os conteúdos LGBTQAI+ da obra e criticar ideologias e usos cis-heteronormativos da linguagem que podem contribuir para a marginalização de pessoas que não se adequam à matriz cis-heteronormativa. Nesse sentido, o emprego de uma linguagem inclusiva de algum tipo em traduções do mangá *Houseki no kuni* para línguas gramaticalmente generificadas pode ser considerado uma tática de complementação, pois esse tipo de linguagem não apenas visibiliza as identidades não-binárias das personagens, como também serve para expor e criticar a natureza binária do gênero gramatical.

Já na tática de *hijacking*, o tradutor apropria-se do texto e efetua mudanças de forma deliberada por motivos políticos, como substituir termos misóginos, racistas ou homofóbicos presentes no texto fonte por um mais politicamente correto na tradução. Um exemplo desse tipo de prática seria a substituição de termos como “*man*” por “pessoas” para referir-se aos seres humanos de forma genérica. Essa prática é bastante controversa pois resulta em textos que são frequentemente acusados de serem “infieis” ao texto fonte (FLOTOW, 1991). Além disso, se não vier acompanhada de um prefácio ou notas de tradução explicando as decisões tradutórias, corre-se o risco de apagar a imagem misógina ou LGBTfóbica de um determinado autor.

A Tradução *Queer*, conforme proposta por Lewis, busca explorar tanto as formas nas quais a tradução pode contribuir para reforçar a matriz cis-heteronormativa quanto seu potencial de subvertê-la. É seu papel abordar criticamente esses textos e se perguntar de que maneiras a tradução contribui para a construção de sujeitos marginalizados, de maneira que alternativas possam ser vislumbradas. Esse objetivo pode ser alcançado, entre outras possibilidades, ao voltar o seu olhar para traduções que apagam conteúdos LGBTQAI+, seja por censura ou descuido; traduções que inserem elementos LGBTfóbicos onde antes não havia nenhum; assim como traduções que optem por seguir no sentido oposto, adotando estratégias tradutórias que chamem a atenção aos conteúdos LGBTQAI+ presentes no texto fonte. É nesse último caso que se enquadram as traduções espanhola e alemã do mangá *Houseki no Kuni*, que serão analisadas na seção seguinte.

Análise dos dados

Publicada sob o título de *La Tierra de las Gemas* e traduzida por Yasuko Tojo, a edição espanhola não apresenta paratextos na forma de prefácios ou pós-fácios, apenas algumas poucas notas de tradução, as quais procuram fornecer explicações acerca de elementos da cultura japonesa que poderiam enriquecer a experiência de leitura. Porém, no rodapé do sumário, encontra-se uma nota da editora ECC na qual se lê:

A fim de respeitar a vontade da autora de que suas personagens não tenham um gênero, foi aplicada a linguagem inclusiva sempre que possível. Nos casos em que não foi possível aplicá-la, optou-se por fazer uso do recurso não normativo da terminação em “e”¹⁴ (ICHIKAWA, 2019, nota da editora).

Essa breve nota apenas explicita as estratégias tradutórias adotadas para lidar com a não-binariedade de gênero das personagens, assim como o que motivou o emprego de tais estratégias; não sendo possível encontrar nenhuma outra informação acerca das estratégias tradutórias ao longo do volume.

Como se pode perceber pela nota, a tradução espanhola optou por manter a não-binariedade de gênero das personagens adotando uma linguagem de gênero neutro, conforme pode-se ver em “les lunaries”, “todes” e “mentirose” nos trechos abaixo:

Figura 1: da direita para a esquerda: ICHIKAWA, 2019, p. 182; ICHIKAWA, 2019, p. 176; ICHIKAWA, 2019, p. 177

¹⁴ Para respetar la voluntad de la autora de que sus personajes sean agênero, se ha aplicado el lenguaje inclusivo siempre que há sido posible. Em aquellos casos donde no há sido posible aplicarlo se há optado por hacer uso del recurso no normativo de la terminación em “e”.

Conforme mencionado anteriormente, tal estratégia pode ser considerada uma tática de complementação conforme sugerida por Lewis, pois não apenas mantém a não-binariedade de gênero das personagens, mas também o faz de uma maneira que visibiliza tal característica ao causar um estranhamento no leitor.

Contudo, no decorrer do volume, nota-se que o emprego da linguagem de gênero neutro é bastante limitado. Na maior parte do tempo, a tradução optou por manter a não-binariedade de gênero das personagens por meio do uso de recursos que estejam de acordo com as regras da norma padrão da língua espanhola, dentre os quais, destacam-se as elipses e o próprio nome das personagens como forma de evitar pronomes generificados.

No entanto, há um ponto interessante de se destacar em relação à nota da editora: o fato de ela se iniciar com o motivo que levou ao uso da linguagem inclusiva na tradução, e como isso não partiu de um desejo de manter a não-binariedade de gênero das personagens, ou dar uma maior visibilidade a pessoas não-binárias, mas sim de uma exigência da autora do mangá. Somado ao fato de que as instâncias em que a linguagem de gênero neutro foi empregada parecem ter sido reduzidas ao mínimo possível, isso pode ter relação com a forte rejeição que essa linguagem ainda enfrenta em boa parte dos setores da sociedade. O que também levanta a pergunta: se não fosse uma exigência da autora, será que a não-binariedade de gênero das personagens teria sido mantida?

A tradução alemã do mangá, por outro lado, apresenta as estratégias adotadas de forma bastante diferente da espanhola. Com tradução de Verena Maser e publicada com o título *Das Land der Juwelen*, a edição não apresenta nenhum prefácio ou nota informando o leitor de antemão acerca das estratégias empregadas para lidar com a não-binariedade de gênero das personagens. Em vez disso, tais estratégias são abordadas apenas após a linguagem de gênero neutro utilizada aparecer pela primeira vez. Nesse ponto, o pronome de gênero neutro escolhido aparece acompanhado de uma nota de rodapé, conforme demonstra a imagem abaixo:

Figura 2: ICHIKAWA, 2018, p. 7

Na tradução da nota em alemão lê-se: “forma de gênero neutro dos pronomes ele/ela/isso, ver página 195”. Com isso, a edição fornece uma breve explicação do que é essa palavra que a maior parte dos leitores deve desconhecer e os direciona ao final do volume para mais informações.

A página em questão é uma nota da equipe editorial, e ao analisá-la, percebe-se imediatamente uma diferença bastante evidente entre os paratextos das edições espanhola e alemã: enquanto a primeira limita-se a uma nota de rodapé de duas frases, a segunda dedica uma página inteira à discussão das estratégias tradutórias adotadas para lidar com a não-binariedade de gênero das personagens.

A nota é dividida em três partes. A primeira delas é uma entrevista com a tradutora composta por três perguntas que pode ser lida abaixo:

Entrevistador: em “A terra das joias”, os protagonistas não são as pessoas, mas gemas antropomórficas. Como você, como tradutora, aborda essa ambientação?

Verena: linguisticamente existe um certo obstáculo, porque as gemas não têm um gênero natural. No original japonês, encontramos principalmente termos masculinos para as personagens. Mas Diamante, por exemplo, usa expressões masculinas e femininas ao mesmo tempo. Infelizmente, esta mistura não pode ser traduzida para o alemão.

Entrevistador: como você decidiu usar o pronome “xier”?

Verena: foi importante para nós encontrar uma solução para uma tradução de gênero neutro. Na edição em inglês, isso foi bem resolvido com o uso de “they” no singular. Em alemão, não há um pronome neutro de gênero até agora, então optei por aquele que, em minha opinião, é melhor elaborado - a saber, “xier”, inventado por Anna Heger.

Entrevistador: é estranho traduzir para uma linguagem de gênero neutro?

Verena: você tem que repensar um pouco. Para algumas palavras, mesmo com a maior vontade do mundo, não encontrei uma alternativa de gênero neutro, por exemplo, para “charlatães”. Às vezes, demora para se acostumar às inovações. Mas isso não deve desanimar ninguém. Se você é capaz de se lembrar de “-chan”, “-kun” e “-sama”, “xier” é moleza!

Interview mit der Übersetzerin

In Land der Juwelen sind die Hauptcharaktere keine Menschen, sondern anthropomorphe Edelsteine. Wie geht man als Übersetzerin an so ein Setting heran?

Verena: Sprachlich gibt es schon eine gewisse Hürde, denn Edelsteine haben ja kein natürliches Geschlecht. Im japanischen Original finden wir vor allem männliche Bezeichnungen für die Charaktere, Diamant aber benutzt beispielsweise gleichzeitig männliche und weibliche Ausdrücke. Diesen Mix kann man so leider gar nicht ins Deutsche übertragen.

Wie kam es zu der Entscheidung, das Pronomen „xier“ zu verwenden?

Verena: Uns war es wichtig, eine Lösung für eine geschlechtsneutrale Übersetzung zu finden. In der englischen Ausgabe

wurde das mit der Verwendung von „they“ im Singular gut gelöst. Im Deutschen hat sich bisher noch kein geschlechtsneutrales Pronomen durchgesetzt, also habe ich mich für das entschieden, das meiner Meinung nach am besten ausgearbeitet ist – nämlich „xier“, erfunden von Anna Heger.

Ist es ungewohnt, in geschlechtsneutrale Sprache zu übersetzen?

Verena: Man muss schon ein wenig umdenken. Für manche Wörter habe ich selbst beim besten Willen keine geschlechtsneutrale Alternative gefunden, zum Beispiel für „Quacksalber“. Innovationen sind halt manchmal gewöhnungsbedürftig. Das sollte aber niemanden abschrecken. Wer sich -chan, -kun und -sama merken kann, für den ist xier doch ein Klacks!

Figura 3: ICHIKAWA, 2018, p. 195

Nessa breve entrevista, são abordadas as dificuldades envolvidas na tradução de um mangá cujas personagens não têm um gênero especificado para uma língua gramaticalmente generificada como o alemão. Tais dificuldades, por sua vez, levaram à adoção do pronome de gênero neutro “*xier*”, criado pela ativista Anna Heger, e que não faz parte oficialmente da língua alemã, como forma de contornar esses obstáculos.

Assim como no caso da tradução espanhola, o emprego de uma linguagem de gênero neutro como forma de manter a não-binariedade de gênero das personagens pode ser caracterizada como uma tática de complementação de acordo com a Tradução *Queer*. A possibilidade de que tal estratégia tradutória possa causar estranhamento nos leitores é reconhecida pela tradutora ao afirmar que “demora para se acostumar às inovações”. No entanto, tais dificuldades são rapidamente minimizadas, com o uso do pronome “*xier*” sendo caracterizado como “moleza” para aqueles acostumados aos sufixos “*-chan*”, “*-kun*” e “*-sama*” (honoríficos da língua japonesa que são frequentemente mantidos em traduções de mangás, e cujos significados são de conhecimento de seus leitores), de modo que não devem “desanimar ninguém”.

Apesar de minimizar a possibilidade de o emprego do pronome “*xier*” causar dificuldades de leitura, o restante da nota parece dedicar-se a familiarizar os leitores ao seu uso. Como pode-se ver na figura 4 abaixo, a segunda parte da nota da equipe editorial oferece uma breve apresentação da linguagem de gênero neutro utilizada.

No trecho inicial em alemão em alemão, lê-se: “o pronome ‘*xier*’. Um pronome como ‘*xier*’ oferece uma forma de gênero neutro de referir-se às pessoas. É pronunciado de maneira que rima com a palavra ‘aqui’ [*hier*]”. Segue-se a isso um quadro resumindo o funcionamento do pronome em questão de acordo com as regras gramaticais da língua alemã, de maneira que o leitor possa compreender o texto.

Das Pronomen „xier“

Ein Pronomen wie „xier“ bietet eine geschlechtsneutrale Möglichkeit, Personen zu bezeichnen. Es wird so ausgesprochen, dass es sich auf „hier“ reimt.

	Personalpronomen		Relativpronomen	
Nominativ	er/sie	xier	der/die	dier
Genitiv	seiner/ihrer	xies	dessen/deren	dies
Dativ	ihm/ihr	xiem	dem/der	dien
Akkusativ	ihn/sie	xien	den/die	dien

Figura 4: ICHIKAWA, 2018, p. 195

Conforme pode-se notar, essa segunda parte da nota editorial cumpre principalmente a função de explicitar o funcionamento da linguagem de gênero neutro empregada, tanto em relação às declinações do pronome “*xier*” quanto à sua pronúncia. Esse trecho da nota cumpre também a função de apresentar um motivo para o uso de tal linguagem, sendo ele a possibilidade de referir-se a alguém sem atribuir um gênero a essa pessoa. Contudo, esse tópico é melhor elaborado no trecho final da nota que pode ser observado na imagem abaixo, e cuja tradução encontra-se logo em seguida:

Wozu geschlechtsneutrale Sprache?

Phos und die anderen Juwelen sind Edelsteine – und im Gegensatz zu Menschen haben sie kein Geschlecht. In so einem Fall liegt es nahe, dass sie nicht als „er“ oder „sie“ bezeichnet werden sollten, denn so würde man ihnen ja unterstellen, weiblich oder männlich zu sein, obwohl sie keins von beidem sind.

Aber auch außerhalb dieses Mangas gibt es zahlreiche Situationen, in denen ein neutrales Pronomen hilfreich sein kann – zum Beispiel, wenn man das Geschlecht einer Person nicht kennt, nicht zuordnen kann oder möchte.

Neugierig?

Mehr Informationen zum Pronomen „xier“ gibt es unter anderem bei: annaheger.wordpress.com/pronomen

195

Figura 5: ICHIKAWA, 2018, p. 195

Por que uma linguagem de gênero neutro?

Phos e as outras joias são pedras preciosas - e, ao contrário dos humanos, não têm gênero. Nesse caso, é lógico que não se deve utilizar “ele” ou “ela”, porque então se presumiria que são mulheres ou homens, embora não sejam nenhum dos dois.

Mas também fora deste mangá existem inúmeras situações em que um pronome neutro pode ser útil - por exemplo, se você não sabe o gênero de uma pessoa, não pode ou não deseja atribuí-lo.

Esse trecho da nota destina-se a argumentar em favor do uso da linguagem de gênero neutro, tanto como uma maneira de traduzir o mangá em questão especificamente sem que um gênero seja designado às personagens quanto como uma maneira de reconhecer a identidade de gênero de pessoas não-binárias.

É interessante notar que, diferentemente da tradução espanhola, o fato de que manter a não-binariedade de gênero das personagens é uma exigência da autora não é mencionado em momento algum. Em vez disso, a nota da equipe editorial é inteiramente dedicada à linguagem de gênero neutro e seus méritos tanto como uma estratégia de tradução válida quanto sua relevância social.

Considerações finais

Tanto a tradução espanhola quanto a tradução alemã fazem uso de táticas tradutórias da Tradução *Queer* proposta por Lewis. Em ambas as traduções, a não-binariedade de gênero das personagens do mangá *Houseki no kuni* é mantida

por meio da tática de complementação na forma do emprego de linguagens de gênero neutro para contornar os obstáculos impostos pelo gênero gramatical das duas línguas. Além disso, o uso de tal linguagem significa que a não-binariedade de gênero das personagens não apenas foi mantida como também visibilizada, uma vez que o seu emprego chama a atenção a esse aspecto de suas identidades.

Uma outra tática de Tradução *Queer* pode ser observada também nos paratextos da edição alemã do mangá: nota da equipe editorial visibiliza o conteúdo LGBTQAI+ presente no texto, as dificuldades envolvidas em sua manutenção e as estratégias empregadas para mantê-lo. Além disso, busca também chamar a atenção à importância de uma linguagem que inclua aqueles que não se encaixam na matriz cis-heteronormativa.

Por outro lado, é mais difícil encaixar a nota de rodapé presente na tradução espanhola como uma tática de Tradução *Queer*: embora a nota tenha o efeito de visibilizar a não-binariedade de gênero das personagens, uma vez que isso é dito explicitamente, tanto a sua brevidade quanto o seu conteúdo sugerem que não foi esse o motivo de sua inserção no volume. Em vez disso, a nota parece ter apenas o intuito de justificar a escolha pelo uso de uma linguagem que ainda é considerada controversa.

Conforme mencionado anteriormente, identidades LGBTQAI+ podem ser facilmente apagadas em traduções. Somando-se a isso o fato de que os indivíduos se encontram inseridos em uma sociedade cis-heteronormativa, traduções que apenas mantenham os conteúdos LGBTQAI+, sem visibilizá-los de alguma maneira, podem não ser suficientes, dado que, se ele não for apagado pelo texto, o será por uma leitura enviesada. Nesse sentido, pode-se considerar que ambas as traduções estudadas na presente pesquisa contribuem para desestabilizar a matriz cis-heteronormativa ao adotarem estratégias tradutórias que visibilizam o conteúdo LGBTQAI+ presente no texto fonte.

Referências

- BRENNER, Robin E. **Understanding manga**, Westport: Libraries Unlimited, 2007.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 12. ed. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FLOTOW, Louise Von. **Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories**. TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction, v.4, n.2, 1991. p. 69-84.
- FROTA, Maria Paula. Lawrence Venuti e a teoria da (in)visibilidade do tradutor. In: FROTA, Maria Paula. **A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise**. São Paulo: Pontes, 2000. p. 71-136.

ICHIKAWA, Haruko. **Das Land der Juwelen 1**. Tradução de Verena Maser. Ludwigsburg: Manga Cult, 2018.

ICHIKAWA, Haruko. **La Tierra de las Gemas núm 1**. Tradução de Yasuko Tojo. Barcelona: ECC ediciones, 2019.

LEWIS, Elizabeth Sara. “This is My Girlfriend Linda’ Translating Queer Relationships in Film: A Case Study of Subtitles for *Gia* and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies”. **The journal for Literary Translators**, Inverno, n. 36, 2010.

LEWIS, Elizabeth Sara. “Teoria(s) *Queer* e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa”. Em: MACEDO, Elizabeth Fernandes de; RANNIERY, Thiago Moreira de Oliveira (orgs). **Sexualidade e Educação: pensando a ação docente**. Petrópolis, RJ: Editora DP et alii, 2017, p. 157-186.

MARTINS, Marcia A. P. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. **Cadernos de Letras** (UFRJ), v.27, p. 59-72, 2010.

VENUTI, Lawrence. **The Translator’s Invisibility: A History of Translation**. London/New York: Routledge, 2008.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Traduzido por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. São Paulo: Editora Unesp, 2019.